

BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. "MELLO LEITÃO"

SANTA TERESA — E. E. SANTO — BRASIL

SÉRIE: PROTEÇÃO À NATUREZA — N. 47 — 21/4/73

O DESAPARECIMENTO DOS ÚLTIMOS REMANESCENTES GRUPOS INDÍGENAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Augusto Ruschi
Museu Nacional

Ao comemorarmos hoje o dia de Tiradentes, o martir de nossa Independência que no ano de 1792 foi enforcado no Rio de Janeiro, dizendo nos últimos momentos: "Cumprí a minha palavra; morro pela Liberdade".

No ano de 1954 publiquei no Bol. nr. 18 da Ser. Proteção a Natureza, um trabalho sobre os Grupos Antropológicos do E. E. Santo, fazendo menção especial e destacada aos 80 restantes Tupis-Guaranis que foram trasladados do Pancas, Município de Colatina para a região de Caietas, à margem esquerda do Rio Piraquê-Assú, Município de Aracruz e que ali viveram em terras cobertas de Florestas Virgens, então pertencentes a Cia. Ferro e Aço de Vitória. Essas florestas num total de 30.000 hectares, foram aos poucos sendo invadidas por posseiros uma vez que a exploração e utilização de carvão para os altofornos da referida Cia. não mais empregavam carvão vegetal para produção de ferro gusa em lingotes. O equilíbrio em que ali viviam, era regular, uma vez que a abundância de caça, frutas e a área aberta que cultivavam com cereais, e ainda os recursos oriundos da pesca nos Rios Piraquê-Assú e também nos mangues, onde buscavam constantemente os mariscos e crustáceos, para complementação alimentar, lhe davam condições suficientes para sua vida. No citado trabalho que publiquei anteriormente a respeito desses remanescentes indígenas, fiz referências as suas atividades e pormenorizei a utilização do potencial energético da flora e fauna, para sua vida.

Com o surto desenvolvimentista do E. E. Santo, e no afam do uso de todos os recursos naturais, em sua rica perspectiva e plenitude de capacidade, ultrapassarão por certo as raias do absurdo. Assim é que a implantação do reflorestamento com espécies exóticas de alto rendimento econômico, como acontece com as melhores terras agricultáveis do E. Santo, ou seja exatamente com a região do nosso Platô Terciário, que formam as maiores áreas planas das bacias dos Rios: Piraquê-Assú, Doce, Barra Séca, S. Mateus e Itaúnas, onde poder-se-ia obter a melhor e maior rentabilidade com a produção de alimentos para as populações, desenvolve-se com os incentivos fiscais o referido reflorestamento com os extensos eucaliptais; isso, planejado pelo maior silvicultor brasileiro que sem dúvida é o Prof. Dr. Armando Navarro de Sampaio, embora ele mesmo em seu trabalho intitulado "EUCALIPTOS PARA O BRASIL" publicado na Revista "ARQUIVOS DO SERVIÇO FLORESTAL" Vol. 12 do ano de 1957 pgs. 67, é francamente contrário ao reflorestamento com Eucalipto nessa área do E. Santo, quando diz: "Escusado seria dizer que somos os primeiros, como velho silvicultor a desaconselhar qualquer exploração de mata natural em sítios onde a Natureza sábiamente a colocou para prestar seus reais benefícios, para substituí-la por floresta artificial, qualquer que seja a essência escolhida. Existem, no entanto, as terras fracas, de cerrados baixos e de campos, onde deve, exatamente, situar-se o florestamento econômico. A escolha da espécie a plantar deverá ser sempre precedida de um pequeno ensaio de comportamento de gêneros e espécies de plantas oriundas de situações ecológicas semelhantes".

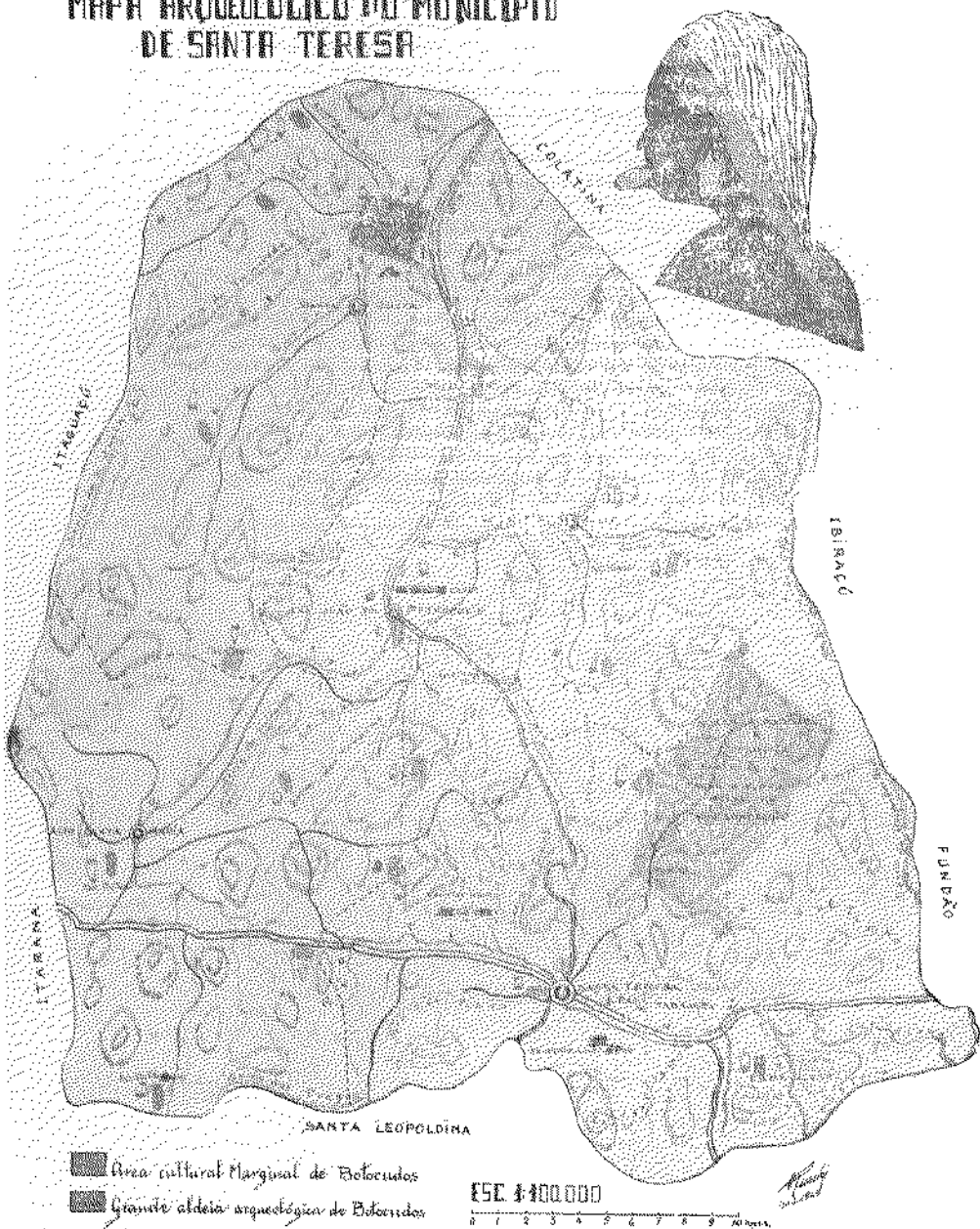
E apesar disso, o projeto elaborado e supervisionado pelo renomado mestre e assessores foi posto em pratica para a "ARACRUZ FLORESTAL S.A." que adquirira tais areas em florestas virgens, e sem dó nem piedade, após realizar as derrubadas dessas frondosas florestas e atear-lhe fogo, fize-za o plantio de seus ricos eucaliptais, que serão em breve transformados em pasta de celulose e "wood-ship", numa promissóra industria, mas, que sem duvida a precaução a ser tomada no processo da fabricação dessa pasta irá poluir os mares e Rios com efluentes mercuriais, bem como a atmosfera com odores desagradáveis, uma vez que não ha metodos que consigam torna-los inevitáveis. Oxalá entretanto venham os Japoneses e a Cia. Vale do Rio Doce, usarem os processos menos poluitivos já existentes e hoje adaptados no proprio Japão, onde ocorreram os maiores acidentes fatais, oriundos de efluentes mercuriais lançados ao mar e cujo acumulo nos peixes e mariscos em teóres elevados, como ocorreu na Bahia de Minamata, vieram alertar ao Mundo e assim, a instalação de monitores mercuriais e as usinas de reciclagem de efluentes mercuriais, nas fabricas, conseguiram eliminar não totalmente tais efluentes, mas, lança-los ao mar num teor de 0,5 a 1 parte de mercurio por bilhão, e não mais de 5 a 7 partes por milhão, pois sabemos que 1 parte por milhão de mercurio na agua do mar ou dos Rios e Lagos, já inibe a fotosintese das plantas aquaticas.

Mas, o ocorrido com a implantação do reflorestamento de eucaliptos, cujos resultados embora atestam um inegável desenvolvimento promissor da essencia Australiana em terras capixabas, com altos beneficios econômicos inclusive para o Brasil e E. Santo e principalmente para a ARACRUZ FLORESTAL, teem seus gravissimos erros aos quais como cientista e brasileiro, não posso deixar de assinalar; primeiro é aquele apontado pelas proprias palavras do renomado Silvicultor, o Prof. Dr. Armando Navarro de Sampaio; segundo porque a rentabilidade em aproveitamento agricola, com o cultivo de cereais, seria muito maior e terceiro, porque, trocou-se uma floresta virgem, onde viviam na época cerca de 60 indios, Tupis-Guaranis, que impiedosamente ficaram despojados de seu habitat natural e andam perambulando ora entre Santa Cruz, Riacho e Regencia, ora chegam até mesmo em Vitória e dentro em breve se providencias não forem tomadas junto a FUNAI, serão um retrato e uma ferida para nossos corações, que praticamos esse ato de certo forma desumano, para com esses irmãos capixabas. Sei que eles não irão para as favelas, como foram os posseiros de areas contiguas, os quais foram devidamente indenizados pelas companhias reflorestadoras como a citada e outras, bem como outros pequenos proprietários que tambem venderam suas terras ali encravadas, para que nessas favelas viessem ter a ilusão de uma vida mais fácil, e assim uma area que era minifundiária, se transformára numa região latifundiária, com gravissimos erros de ecologia, para um ecossistema de região Tropical, como é o presente caso.

A ciência é fundada em fatos incontestáveis e esse é o motivo que me leva a registrar esse fato, uma vez que é parte integrante da Biologia e principalmente quando se registra ser este o ultimo contingente Antropológico remanescente dos Tupis-Guaranis, em solo espiritosantense.

Felizmente, em outras regiões do Brasil, com a Criação do Parque Nacional do Xingú, criado em 14-4-1961 e após o ano de 1964, com a criação dos Parques Nacionais Indigenas de: Tumucumaque, criado em 16-7-1968; as Reservas Indigenas dos: Tapaluna, Nambikwuára, Erikbatsa, Apiaká, Kayabi, Irantxe e Pareci, sob a administração de serviço proprio, através da FUNAI e anteriormente já com o Serviço Nacional de Proteção ao Indio e o Conselho Nacional de Proteção aos Indios, criado pelo inclito Marechal Rondon, iniciamos com mais acerto a Política Nacional de Proteção aos grupos Indigenas Brasileiros, mas, ainda algumas dezenas dessas areas ne-

MAPA ARQUEOLÓGICO DO MUNICÍPIO DE SANTA TERESA



cessitam ser criadas, principalmente na Amazonia, onde a sua integraçao acarreta danos, se não providenciar-mos a separaçao dessas areas de proteçao para numerosas Tribus populosas. Em 1959, quando foi criado o Parque do Araguaia, na ilha do Bananal, a ideia era dar proteçao a algumas tribus indigenas ali existentes e realmente essa ideia tomou maior interesse, para ser levada a outras areas indigenas.

No Estado do E. Santo, nada mais nos resta a fazer, sinão ainda constatar a existencia de areas arqueologicas, como vem acontecendo com os trabalhos do Prof. Dr. Perrotta, da UFES, cujo esforço pessoal e competencia, muito tem descoberto de real valor e infelizmente, ainda não estamos dando o valor da proteçao dessas areas. No Municipio de Santa Teresa, em Santa Julia, na Fazenda Melloti, encontramos em 1951 uma area de grande valor arqueológico, e após feita a comunicaçao ao Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, o qual tomando providencias junto ao Museu Nacional, para cá encaminhou o Prof. Dr. Orsich, renomado Arqueólogo Austriaco, que procedendo aos estudos preliminares de levantamento da area, optou pelo seu tombamento e conservaçao. Mas até a presente data não foram tomadas providências para a proteçao desse achado; trata-se como descrevi em 1951, de um local onde houve superposições de civilizações passadas e o material ali ainda encontrado merece maiores estudos e deve ser preservado para nossos descendentes, como repositório vivo de nossa arqueologia. No mapa com que ilustramos este trabalho, **Mapa Arqueológico de Santa Teresa**. Assinalamos a região de Santa Julia, da Fazenda Melloti.